

TRABALHO NO RECÔNCAVO: AUGES, RUPTURAS E DINÂMICA RECENTE

Josias Alves de Jesus¹
Elinaldo Santos Leal²
Weslei Gusmão Piau Santana³

RESUMO

A história do Recôncavo é marcada por lutas, resistências e trabalho, sobretudo trabalho negro e escravo. Homens e mulheres negras com seu trabalho, seja na cana de açúcar, nas roças de fumo ou nas roças de mandioca contribuíram por consolidar umas das regiões mais prósperas do Brasil. Primeira região do Brasil a passar por um processo de urbanização. Durante quase três séculos foi a região a mais importante do Brasil. No Recôncavo se desenvolveu uma importante indústria açucareira. Os engenhos de cana de açúcar ajudaram a moldar a economia e a sociedade do Recôncavo com sua produção extensiva, latifundiária e a mão-de-obra escrava, primeiramente indígena e, depois, negra. No limiar do século XXI, o Recôncavo recebeu importantes investimentos nos setores educacional que provocaram mudanças importantes no perfil do trabalhador. Há na verdade múltiplos "recôncavos" nos quais as mudanças impactaram cada um de uma forma diferente. Dessa forma, dentro dessa perspectiva tem-se o seguinte problema de pesquisa: Levando-se em consideração as mudanças ocorridas nos diversos processos de trabalho porque passou o Recôncavo desde o período da Escravidão, qual é a natureza do trabalho no Recôncavo no século XXI?

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional; Trabalho; Recôncavo.

LABOR IN RECONCAVO: RISE, RUPTURES AND RECENT DYNAMICS

ABSTRACT

The history of the Recôncavo is marked by struggles, resistance and work, especially black and slave labor. Black men and women with their work, whether in sugar cane, in the tobacco plantations or in the manioc orchards contributed to consolidate some of the most prosperous regions of Brazil. First region of Brazil to undergo a process of urbanization. For almost three centuries it was the most important region of Brazil. In the Recôncavo an important sugar industry was developed. Sugar cane mills helped to shape the economy and society of the Recôncavo with its extensive production, landlord and slave labor, first indigenous and then black. At the threshold of the 21st century, the Recôncavo received important investments in the education sector that caused important changes in the profile of the worker. There are in fact multiple "recôncavos" in which the changes impacted each one of a different form. Thus, within this perspective the following research problem arises: Taking into account the changes that have occurred in the various work processes because the Recôncavo has passed since the period of slavery, what is the nature of the work in the Recôncavo in the 21st century?

¹ Doutor em desenvolvimento regional. Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. Líder e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Economia, Meio Ambiente e Inovação(Gremi). e-mail: josiasalves@uesb.edu.br

² Doutor em Administração. Professor de administração UESB. Líder do GPAP. Pesquisador administração política do desenvolvimento. E-mail: elinaldo@gmail.com

³ Doutor em Administração. Professor de administração UESB. Líder do GPAP. Pesquisador administração política do desenvolvimento. E-mail: wpiou@hotmail.com



Keywords: Regional Development; Labor; Recôncavo.

JEL: B10

1 INTRODUÇÃO

A Bahia e o Brasil nasceram no Recôncavo. É um território muito rico em termos culturais, gastronômicos e artísticos. Várias expressões populares e culturais tomaram forma ou se desenvolveram no Recôncavo. Além disso, muitas lutas e revoltas tiveram no Recôncavo o seu nascedouro. Nunca é demais lembrar que as últimas lutas para tornar nosso país independente se deram no Recôncavo a Dois de Julho de 1823. Todavia, em termos econômicos a história do Recôncavo é marcada por períodos de ascensão e períodos de estagnação, no qual as riquezas culturais e artísticas não conseguiram se reverter em desenvolvimento econômico.

O centro dinâmico da economia do país se desloca primeiro no século XVIII com a mudança da capital do Império de Salvador para o Rio de Janeiro. Segundo, com as descobertas de ouro e pedras preciosas nas Minas Gerais também no século XVIII e, finalmente, com a cafeicultura de São Paulo em 1850. Esses eventos contribuíram de forma decisiva para que o Recôncavo experimentasse uma verdadeira estagnação em sua economia.

Todavia, podem ser identificadas pelo menos três grandes lavouras agrícolas no Recôncavo: O açúcar (para exportação), o fumo (utilizado primeiramente para troca de escravos e depois para exportação) e a farinha de mandioca (para alimentação). Na historiografia brasileira, autores como Prado Jr. (1987), Furtado (1969), Freire (1986) e Holanda (1995) afirmam em seus trabalhos que a produção agrícola brasileira voltada para exportação foi uma grande *plantation* e que as atividades acessórias não tiveram nenhum peso na constituição do mercado interno. A visão desses autores é chamada de visão *plantacionista* para usar a linguagem empregada por Linhares (1990).

Contudo, há outros autores que defendem uma visão diferente da *plantacionista*; uma visão chamada de *multilateral*. Esta defende que as chamadas atividades acessórias, a exemplo da produção de fumo e farinha, tiveram papel importante na complementação dos rendimentos da agricultura de exportação e foram fundamentais na constituição do mercado interno da colônia. Os trabalhos de Linhares (1990), Gorender (1978), Barickman (2003) e Schwartz (2011) fazem parte

desta segunda linha de análise. Nas análises defendidas pela presente investigação, as discussões acerca da força de trabalho no Recôncavo encontram-se em consonância à segunda linha teórica acima apresentada.

Da lavoura da cana passando pela lavoura do fumo e da mandioca, a força de trabalho no Recôncavo alterou-se em natureza e em essência. O processo de industrialização perpetrada no Recôncavo a partir da segunda metade do século XX, principalmente com a indústria petroquímica, contribuiu para alterações no perfil do trabalhador no Recôncavo.

Discutir os problemas inerentes a esse território é contribuir para indicar alternativas de ação que possam modificar o atual estágio de estagnação assim como suas perspectivas frente a projetos que alterem as relações entre as demais regiões da Bahia.

Assim, dentro dessa perspectiva, tem-se o seguinte problema de pesquisa: Levando-se em consideração as mudanças ocorridas nos diversos processos de trabalho porque passou o Recôncavo desde o período da Escravidão, quais são as características do trabalho no Recôncavo no século XXI? O objetivo geral da presente investigação é discutir as mudanças observadas na categoria trabalho no Recôncavo tendo como recorte temporal as modificações ocorridas nos anos 2000.

Os objetivos específicos são:

- a) Discutir como se deu o processo da formação social e econômica do Recôncavo;
- b) Discutir o as mudanças do trabalho ao longo da história do Recôncavo;
- c) Apresentar e discutir a dinâmica recente do trabalho no Recôncavo.

Além desta introdução e das conclusões, o trabalho é composto por mais três seções. Na seção dois são discutidos os aspectos relacionados à metodologia da pesquisa. Na seção três discute-se o papel da divisão como categoria central para o entendimento das questões relativas ao desenvolvimento regional. As seções quatro e cinco discutem o papel das três importantes lavouras para a formação social econômica do Recôncavo que são o açúcar, a farinha de mandioca e o fumo. Finalmente, a seção traz o debate atual acerca do trabalho no Recôncavo com sua natureza e características. Essa seção é o trabalho empírico da investigação.

2 A METODOLOGIA DA PESQUISA

O método de abordagem utilizado pela presente investigação foi o materialismo-histórico e dialético. Por consequência, o método de procedimento é o método histórico. A dialética sob a concepção do materialismo histórico parte do conceito fundamental de que o mundo não pode ser considerado um complexo de coisas acabadas e imutáveis, mas um processo de complexos e um processo em construção permanente. As coisas e suas representações refletem conceitos na mente, os quais estão em mudanças contínuas e ininterruptas de devir.

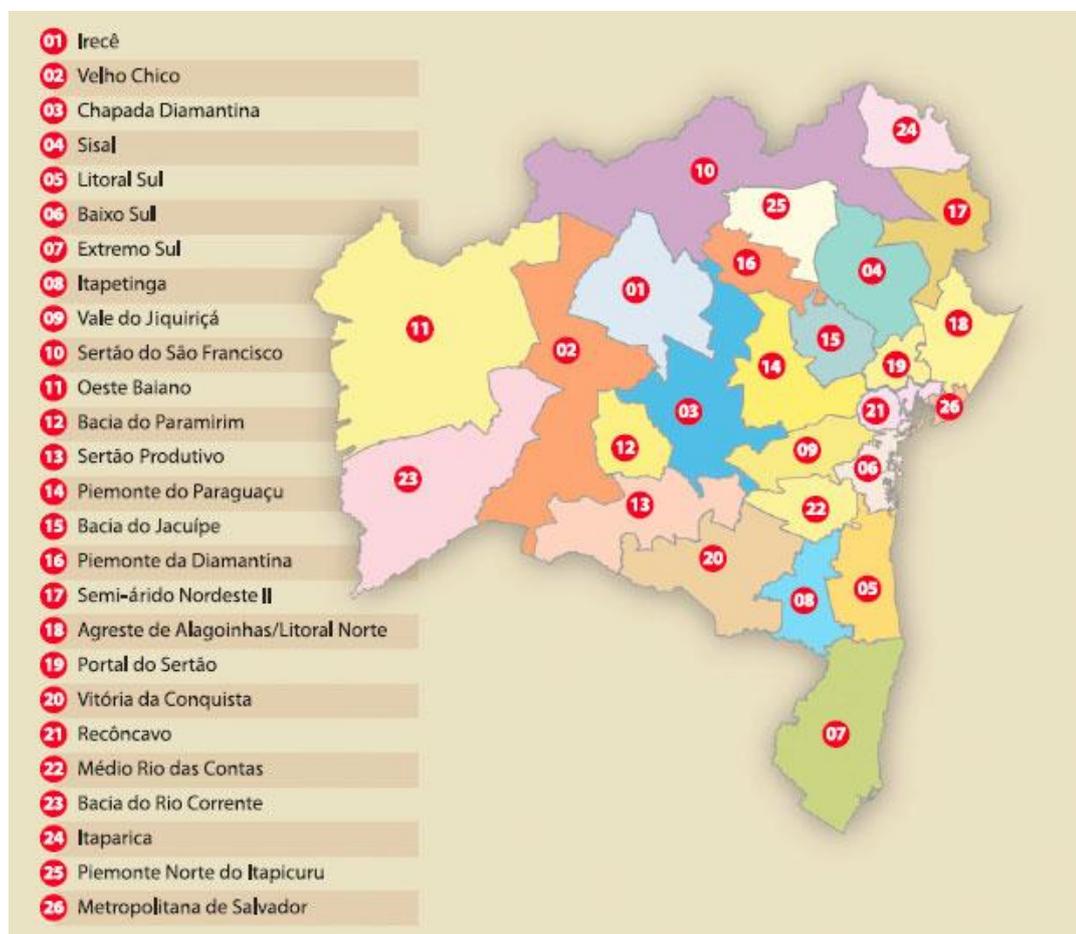
As fontes secundárias e históricas pesquisadas buscaram resgatar através dos cronistas de cada época as características do trabalho no Recôncavo. Os cronistas eram sacerdotes ou escritores empregados da Coroa e a serviço igreja católica que relataram a vida social e econômica do Brasil ao longo dos séculos XVI a XVIII. Assim, os trabalhos de Gabriel Soares de Sousa, José Antonio Caldas, André João Antonil, Pero Gândavo, Luís dos Santos Vilhena e Frei Vicente de Salvador foram amplamente utilizados. Além desse material, os livros de Stuart B. Schwartz, B.J. Barickman, Wanderley Pinho e Maria de Azevedo Brandão formam um conjunto de quatro obras clássicas sobre o Recôncavo que não podiam deixar de ser consultadas.

Em relação às técnicas de pesquisa empírica, a presente investigação usou dados secundários oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com relação aos censos e também na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). A Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e as Pesquisas de Emprego e Desemprego (PED) do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (CAGED) foram as bases de dados consultadas para a montagem das tabelas e figuras.

O recorte espacial da pesquisa utilizou-se do conceito de Território de Identidade, conforme destacado na figura 01. Assim, o Território de Identidade do Recôncavo com seus municípios foi utilizado composto por 20 municípios: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e

Varzedo. Conta com população de 576,6 mil habitantes, de acordo com dados do Censo 2010 do IBGE e possui área total de 5,2 mil quilômetros quadrados.

Figura 1 – Territórios de Identidade da Bahia



Fonte: SEPLAN (2017)

3 A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO COMO CATEGORIA CENTRAL PARA A COMPREENSÃO DOS FENÔMENOS ECONÔMICOS

Uma das primeiras dificuldades impostas para a análise regional ou territorial é identificar os elementos, processos, conceitos e categorias que são mais representativos para a discussão de determinado fenômeno que se apresenta. É preciso identificar e reconhecer quais instrumentos podem ser utilizados para melhor analisar o problema e que consiga responder às hipóteses levantadas.

O desenvolvimento do capitalismo no século XX, sobretudo a partir da década de 1970, tornou a produção cada vez mais internacionalizada e complexificada. Os circuitos de produção deixaram de ser locais, em sua maioria, e são cada vez mais

internacionalizados, interdependentes da relação local/global com um alcance cada vez maior de produtos e serviços. Houve um aumento da financeirização da economia, conforme apontado por Chesnais (1996), aliado ao aumento do poder dos oligopólios. Além disso, as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) desenvolvem um papel importante nesse novo contexto (CASTELLS, 2002). Esse novo estágio do desenvolvimento do capitalismo demanda instrumentos cada vez mais precisos de análise.

Na década de 1980, o geógrafo marxista Neil Smith (1988) publicou o livro *Desenvolvimento Desigual* no qual discute o processo de desenvolvimento desigual do capitalismo a partir da divisão do trabalho, seguindo a ideias de Trotsky acerca do desenvolvimento desigual e combinado desse mesmo capitalismo. Nesse trabalho, Smith (1988) analisa a tendência de diferenciação espacial do capitalismo, a partir da divisão do trabalho e de sua base natural, conforme pode ser conferido abaixo:

A divisão do trabalho na sociedade é a base histórica da diferenciação espacial de níveis e condições de desenvolvimento. A divisão espacial ou territorial do trabalho não é um separado, mas está implícito desde o início no conceito de divisão do trabalho [...]. Sob condições naturais diferentes, o mesmo gasto de trabalho resultará em diferentes qualidades de uma dada mercadoria, e isto implica a possibilidade (mas somente a possibilidade) de produção excedente em um lugar embora não em outro. Além disso, a diferenciação qualitativa da natureza coloca certos limites para os processos de produção possam ocorrer numa dada área. Assim, o algodão não pode naturalmente ser cultivado no Ártico e o carvão não poder ser extraído de camadas geológicas que não o contêm. Esta é base natural para a produção de excedente (SMITH, 1988, p. 152).

Ainda segundo Smith (1988), existem quatro escalas em que correm a diferenciação social, a saber:

- a) a divisão social geral do trabalho (e do capital) em diferentes departamentos;
- b) a divisão do trabalho (e do capital) em diferentes setores particulares;
- c) a divisão do capital social entre diferentes capitais individuais;
- d) a divisão específica de trabalho no interior da fábrica.

Seguindo na mesma direção dos escritos de Marx (1984) e de Smith (1988), Brandão (2004) argumenta que a divisão social do trabalho é a categoria capaz de perceber as transformações no modo de produção capitalista. A divisão do trabalho se aprofunda recorrentemente em todas as escalas:

Sob o regime capitalista de produção, a divisão social do trabalho se aprofunda e sofisticada recorrentemente, as articulações entre espaços diferenciais se processam de forma regular e ordenada – embora com natureza desigual, complexa e de forma combinada e sujeita a um processo de evolução hierárquica – submetida a leis, centros de controle e padrões diversificados e específicos de inserção (BRANDÃO, 204 p.39).

De acordo com Brandão (2004), a divisão social do trabalho é a categoria básica e explicativa acerca da dimensão espacial do desenvolvimento porque permeia todos os processos em todas as escalas. A divisão do trabalho expressa o estágio de desenvolvimento das forças produtivas, suas heterogeneidades, hierarquias e especializações quer sejam *inter* e *intra* em qualquer escala desde a internacional até a regional. Revela as mediações e as formas concretas de reprodução social no espaço, além da constituição sócio-produtiva.

Outro autor que destaca a importância da divisão social do trabalho é Sormani (1977). De acordo com o autor, a divisão social do trabalho exerce um papel fundamental ao designar os papéis precisos dos indivíduos ou grupo de indivíduos no processo produtivo, o que vai acarretar, também, uma contradição de interesses entre os vários grupos sociais e em diferentes áreas ou regiões.

Sormani (1977) aproxima-se das idéias defendidas por Brandão (2004) ao destacar que, apesar de sofrer variações ao longo do tempo, o conceito de divisão social do trabalho torna-se um bom indicador do grau de desenvolvimento das forças produtivas, principalmente localizadas em dado território:

El desarrollo de las fuerzas productivas impulsa, a su vez, la división del trabajo en el seno de la sociedad y constituye un buen indicador del grado de adelanto de aquellas. La división del trabajo ha sufrido variaciones y diferenciaciones a partir de las formas primitivas de adscripción de diversos individuos a determinadas órbitas profesionales derivadas de razones puramente fisiológicas. Pero, de la misma manera que dentro de la sociedad se evidencian formas de división del trabajo cada vez más complejas, se producen desarrollos diferenciados en función del medio natural y del tipo y grado de adelanto de las diversas comunidades localizadas en un dado territorio (SORMANI, 2012 p. 03).

4 A CONTRIBUIÇÃO DO AÇÚCAR NA FORMAÇÃO SOCIO-ECONÔMICA DO RECÔNCAVO DO SÉCULO XVI A XIX

A Capitania do Recôncavo ou Capitania do Paraguaçu surge no contexto da recompra da Capitania da Bahia pela Coroa portuguesa após o donatário Francisco Pereira Coutinho ser devorado por índios em Itaparica e seus herdeiros reivindicar

pagamentos por benfeitorias. Após a recompra, foi concedida por El-Rey em 29 de março de 1566 a Álvaro da Costa que era filho do segundo governador-geral Duarte da Costa em recompensa à sua participação militar na guerra contra os índios Tupinambás (TAVARES, 2004). Segundo o Dicionário *on-line* de Português a palavra recôncavo significa cavidade funda, enseada, gruta, antro e cavidade entre rochedos. Para descrever a região do estado da Bahia que abrange alguns municípios da Baía de Todos os Santos, e dessa forma grafada em maiúsculas (Recôncavo).

Uma definição (quase que poética) é apresentada por Costa Pinto. Para ele o Recôncavo:

É a região que circunda a Bahia de Todos os Santos, formando o grande anfiteatro no qual, há mais de quatrocentos anos, se vem desenrolando um dos mais antigos capítulos da colonização do Brasil, que ali teve o seu começo e que exatamente ali tem, hoje, uma das perspectivas mais promissoras do seu futuro (COSTA PINTO, 1988 p.103).

De acordo com Barickman (2003), no final do século XVIII o Recôncavo abrigava três zonas agrícolas. Os colonizadores descobriram que os solos pesados da parte Norte do Recôncavo, também chamados de massapés, eram ideais para a cultura da cana-de-açúcar, principalmente em períodos chuvosos. Haviam aprendido também que a cana cresceria tão bem nos salões e nas terras mais leves. Ainda segundo o autor, a distribuição de massapés e salões teve grande influência na geografia da indústria açucareira no Recôncavo. "Onde quer que encontrassem terras com esses solo argilosos em distritos próximos às margens da baía, os colonizadores e seus descendentes plantaram cana e construíram engenhos" (BARICKMAN, 2003, p. 39).

Assim, as lavouras de cana-de-açúcar se estendiam desde as freguesias de Salvador como Cotegipe e Pirajá até o oeste até abranger a freguesia de Santiago do Iguape. Nas vilas de São Francisco do Conde e Santo Amaro passando por São Sebastião do Passé e de São Pedro do Rio do Fundo. Juntas essas freguesias e vilas concentravam cerca de 90% dos 221 engenhos que fabricavam açúcar na década de 1790 (ANTONIL, 1711, BARICKMAN, 2003).

Na estrutura da produção de açúcar, identificam-se quatro tipos de trabalhadores, de acordo com Schwartz (2011); os senhores de engenho, os lavradores de cana, os trabalhadores do campo, e os trabalhadores assalariados.

Ferlini (1996) ao analisar o que ela chamou de civilização açúcar também concorda com a classificação de Schwartz (2011) sobre os lavradores de cana, porém acrescenta que a organização do Engenho comportava quatro funções; a administração, a manutenção, o transporte e o processamento da cana.

Apesar de não serem considerados trabalhadores no sentido formal da palavra, os senhores de engenho representaram um dos pilares sobre os quais estava assentada a produção açucareira do Nordeste e, em especial, do Recôncavo. Os senhores de engenho eram responsáveis por toda a administração do engenho. Eles estavam presentes em toda a safra e residiam na fazenda, diferentemente dos senhores de engenho antilhanos que residiam na Metrópole, conforme assinalado por Ferlini (1996). Ainda segundo a autora, grandes engenhos como o Sergipe do Conde, o senhor de engenho contava com o apoio legal e contábil de escrivães e padres. Contudo, em geral aos senhores de engenho cabia o trabalho de administrar e supervisionar toda a produção de açúcar nas fazendas.

Para Pedrão (1998), os ganhos monetários proporcionados pelo açúcar criaram uma classe subalterna e rica. Os senhores de engenho tornaram-se poderosos com um poder ambivalente. Ao mesmo tempo que extraía sua identidade do Recôncavo, faziam-se representar politicamente em Salvador. Segundo levantamento de Schwartz (2011, p.233) para o período 1680-1729 e 1780-1821, quase 51% dos ocupantes do cargo de vereador de Salvador eram de senhores de engenho enquanto que 12,7% eram de lavradores de cana, o que representa quase 2/3 dos vereadores estavam comprometidos com questões relacionadas com a cana. Na figura abaixo, vê-se um típico engenho movido a água retratado por Frans Post.

Figura 2 - Pintura “Engenho” de Frans Post 1651



Fonte: Azevedo (2009).

Já os lavradores de cana e os senhores de engenho formaram uma dupla importante na produção do açúcar. Pinho (1982) chama a atenção de que muitos lavradores tornaram-se senhores de engenho. Os lavradores de cana eram os fornecedores da matéria-prima do açúcar. A cana podia ser plantada dentro da área dos engenhos ou fora destes. Como havia uma necessidade crescente de fornecimento de cana, pois as terras do engenho não eram capazes de atender toda a demanda, terras eram arrendadas para suprir a necessidade. De acordo com Frei Vicente do Salvador (1918), estimava-se que, no século XVII, para cada engenho era necessário cerca de 10 a 12 lavradores de cana para suprir as necessidades.

Conforme destacado por Ferlini (1996), a existência de lavradores de cana no Brasil tornou-se uma particularidade brasileira. Segundo a mesma autora não se verificou a ocorrência de lavradores de cana na produção de açúcar na Madeira nem no México. Essa hipótese também é corroborada por Schwartz (2011) que não verificou esse tipo de procedimento nas colônias portuguesas e espanholas produtoras de açúcar. Ainda segundo Schwartz (2011) parece que a figura do lavrador de cana após a experiência brasileira foi “exportada” para Cuba e Porto Rico.

Segundo a classificação proposta por Schwartz (2011) e com contribuições de Ferlini (1996), havia mais dois tipos de trabalhadores (além dos lavradores e dos senhores de engenho). Os trabalhadores do campo e os trabalhadores assalariados.

Os trabalhadores do campo eram em sua maioria escravos negros (havia também mulatos), com pouca qualificação para as atividades açucareiras, salvo algumas exceções, enquanto que os trabalhadores assalariados possuíam qualificação profissional e eram muito bem remunerados, a exemplo do mestre de açúcar.

O trabalho nos canaviais começava com o plantio da cana, com a preparação do campo e a escavação dos buracos. Era um trabalho especialmente pesado em solos duros como o massapê. Os escravos eram postos em turnos diurnos e noturnos. A carga horária de trabalho era de 12 a 18 horas a depender da época do ano. Um pequeno café era servido às nove da manhã com duração de meia hora e o almoço era de duas horas quando a moenda não estava funcionando. Quando a moenda estava em funcionamento o intervalo para o almoço e o café era muito mais reduzidos. O corte da cana era feito aos pares ou “fouce”, nome dado a partir do instrumento de trabalho, sendo um homem e uma mulher. O homem era responsável pelo corte da cana e enquanto que a mulher era responsável por atar os feixes da cana com suas próprias folhas. Esse corte de cana era feito através de cotas. Dava-se aos escravos um certo número de “mãos” que ele teria de cortar. No Engenho Sergipe do Conde (um dos maiores da Bahia) citado por Schwartz (2011, p.129) “exigia-se a cota diária de 7 mãos X 5 dedos X 10 feixes X 12 canas, ou seja, 4.200 canas no total”. Era uma carga bastante pesada para uma pessoa apenas fazer.

Além do corte da cana os escravos eram obrigados também a cortar a lenha responsável pelo abastecimento das fornalhas dos engenhos. A lenha utilizada nas fornalhas eram compradas no Recôncavo sul, contudo conforme lembra Schwartz (2011) não eram raras as vezes em que o senhor de engenho cortava lenha da própria propriedade para serem utilizadas nas caldeiras, o que representava um sobre-trabalho para os escravos. O corte da cana e da lenha era um trabalho extremamente árduo, difícil e estressante, o que o tornava pior sob o sol e a umidade do clima da Bahia. Essas condições desumanas do trabalho nas roças chamaram atenção de alguns cronistas, a exemplo do luso-brasileiro Nuno Marques Pereira que escreveu um compêndio narrativo no início do século XVIII comparando as condições de tratamento dos animais em Portugal com os escravos do Recôncavo.

Colhida a cana, esta era transportada para o engenho, do porto para a moenda e do açúcar para os armazéns por pelo menos três barcas, sendo em média três barqueiros e 18 escravos. Já os carros de bois usava-se em média três carros com dois escravos em cada, perfazendo seis escravos. Ferlini (1996) lembra que cronistas do século XVIII e XIX fazem referência a apenas barqueiros escravos e não livres como observado nos séculos XVI e XVII.

Na moenda ficava um feitor-pequeno, um levadeiro e 15 escravos. Os serviços das moendas eram realizados por mulheres. Segundo Antonil(1711 p,16) “o Feitor da moenda chama a seu tempo as escravas, recebe a canna, & a manda vir, & meter bem nos eixos e tirar o bagaço”. A força de prensagem da moenda era muito grande e este transformava-se em um trabalho muito perigoso, pois caso a moendeira estivesse desatenta corria o risco de ter sua mão esmagada pela moenda. O próprio Antonil (1711) adverte para esse risco, já que uma das funções do feitor pequeno era de ficar atento para que nenhuma negra fosse esmagada junto com a cana.

A cozinha representava o coração do engenho, dela depende toda a qualidade do açúcar. Na operação de cozimento há, ainda, duas operações importantes que são as unidades de fornalhas e as caldeiras. Os trabalhadores escravos na cozinha estavam restritos a atividades menos especializadas. Esses trabalhadores eram responsáveis por alimentar as fornalhas e as caldeiras com lenha. Era um trabalho iminentemente masculino, apesar de relatos de que algumas mulheres também exerceram essas funções (SCHWARTZ, 2011; FERLINI, 1996).

Na casa de purgar e no processo de secagem, pesagem e embalagem do açúcar, as atividades dos escravos eram atividades sem qualificação. Na casa de purgar o trabalho se restringia a fazer as fôrmas com as quais o açúcar era formatado (amassador de barro) e no processo de encaixotamento, o trabalho se restringia ao carregamento das caixas. As atividades mais especializadas na grande indústria açucareira eram exercidas por trabalhadores livres mesmo em uma economia escravista que serão discutidas na seção seguinte.

5 LAVOURAS DE POBRE, NEGÓCIOS DE RICO: AS CONTRADIÇÕES DO TRABALHO NAS CULTURAS DE FUMO DE MANDIOCA

No Recôncavo, os relatos de cronistas lembram que a cultura do fumo tem início no século XVI. Anfilóbio de Castro (1941 apud PORTO FILHO, 2011), memorialista muritiba, afirma que em 1559 as primeiras sementes de fumo foram enviadas para Portugal a partir do Recôncavo. Antonil (1711) escrevendo no início do século XVIII afirma que já naquela época a cultura do fumo no Recôncavo já durava mais de cem anos. Nardi (2006) marca mais precisamente como 1570 o ano do início da produção do fumo no Brasil iniciando por Pernambuco e Bahia.

O processo de cultivo e processamento do fumo ocorrem em várias etapas e podem ser dividido em dois momentos da história do fumo na Bahia; um é o trabalho no campo ou na roça propriamente dito e o outro é o trabalho nas fábricas. O trabalho na roça não desaparece com o surgimento das fábricas, contudo para fins didáticos serão abordados em momentos distintos. Primeiramente, serão discutidos os aspectos do processo de trabalho no campo e, posteriormente, o processo de trabalho nas fábricas de charutos a partir do final do século XIX quando do surgimento destas.

O trabalho no campo era feito por homens, mulheres e crianças. A família participava de todas as etapas do trabalho na lavoura, não havia um feitor a comandar o processo de trabalho como havia na cana de açúcar, mas essa função era exercida pelo chefe da família. O trabalho escravo também persistia no fumo (assim como no açúcar), apesar de homens livres estarem trabalhando. Borba (1975, p.13) citando Cunha Maciel também identifica em sua pesquisa a presença de homens livres já que o braço escravo havia abandonado o trabalho no canavial. Ainda segundo Borba (1975), o grupo de pequenos proprietários de terras para a produção de fumo em sua maioria está na faixa de 2 a 5 ha, o que corresponde a 37,4% das propriedades do Recôncavo como um todo. Fazendo-se um contraponto com a cana, enquanto que o açúcar do Recôncavo era produzido em grandes *plantations*, o fumo ficava restrito a pequenas propriedades rurais. Como relação à remuneração, nas pesquisas realizadas não foram encontradas evidências quanto à remuneração dos trabalhadores envolvidos no processo. Como o trabalho era realizado em pequenas propriedades rurais, os registros acerca de renda média dos trabalhadores ou salários não existem.

Conforme observado por Almeida (1983), no início do século XIX começaram a surgir as primeiras manufaturas de fumo no Recôncavo. Como já ocorrera em outras regiões do Brasil, a exemplo de São Paulo com o café, o capital comercial transformou-se no capital industrial. No caso do fumo do Recôncavo, havia vários armazéns que eram responsáveis por importar e exportar o fumo. Aproveitando-se desse conhecimento do negócio aprimorado ao longo de décadas, surgem as manufaturas no Recôncavo.

As manufaturas de charutos, aproveitando-se das vantagens locacionais, localizaram-se próximas das regiões produtoras e instalaram-se em Salvador, Cahoeira, São Félix, Muritiba, Maragogipe e Cruz das Almas. Nessas manufaturas a mão-de-obra utilizada continuou sendo negra e escrava. A partir da proibição do tráfico negreiro em 1850 e a conseqüente abolição da escravidão em 1888, essa mão-de-obra foi sendo modificada para assalariada. Contudo, o contingente de trabalhadores nas manufaturas era basicamente de mulheres e crianças. O trabalho poderia ser feito na fábrica e também na residência. “Era o caso da manufatura Juventude que possuía 150 trabalhadores, sendo 130 na fábrica e 20 em suas residências (ALMEIDA, 1983, p. 29).

Ao lado do fumo, a produção de farinha exerceu um papel importante na chamada agricultura de subsistência. Esse tipo de agricultura contribuiu para alimentar uma população crescente em um Recôncavo que urbanizava-se muito rapidamente e, por outro lado, absorvia uma população que não mais servia para os trabalhos nos canaviais. Dois dos primeiros cronistas do século XVI, Pêro de Magalhães Gândavo (2008) escrevendo em 1576 e Gabriel Soares de Sousa em 1587, ficaram um tanto quanto entusiasmados com a produção de farinha feita a partir da mandioca pelos índios que habitavam o Brasil e como estes se alimentavam deste “pão da terra”.

Depois de plantada e colhida há todo um processo para a fabricação da farinha. De acordo com Barickman (2003), dentre todos os estabelecimentos rurais do Recôncavo, os lavradores de mandioca eram os menores e mais pobres se comparados aos senhores de engenho e até mesmo aos produtores de fumo. A posse de escravos era sinônimo de riqueza. Utilizando-se de levantamento feito em 1781, 170 lavradores de mandioca tinham escravos. Deste total, apenas 13 lavradores possuíam dez ou mais escravos. A maioria dos lavradores (68,2%)

tinham menos de cinco escravos. O que significa esses lavradores não tinham grandes inversões de capital.

Ainda de acordo com Barickman (2003) fora da indústria açucareira é raro encontrar trabalhadores assalariados. É mais comum encontrar agregados, pessoas que vagavam pelo Recôncavo rural sem ter uma ocupação específica. Essas pessoas “agregavam-se” a um fogo (casa) e ajudavam nos serviços do campo e também nos serviços domésticos. O pagamento não era feito de forma monetária. Normalmente era feito em troca de refeições ou uma pequena parte da produção local.

O trabalho na agricultura de subsistência (fumo e farinha) era de natureza diferente daquela encontrada na agricultura de exportação. Enquanto que no açúcar podemos encontrar alguns trabalhadores livres e assalariados, na lavoura de subsistência os dados não comprovam esse tipo de trabalhador. O trabalho nas roças de fumo e mandioca era realizado por toda a família desde mulheres e até crianças. No caso da mandioca esse serviço era realizado também com o auxílio de pessoas que se agregavam a um fogo e permanciam ajudando no trabalho diário seja no campo seja doméstico.

Outro aspecto diferencial dentre as duas lavouras (exportação e subsistência) se refere à qualificação técnica. Na lavoura de exportação percebe-se um início de algumas atividades especializadas enquanto que na lavoura de subsistência esse tipo de trabalho mais especializado é bastante diminuto. Ressalva feita nas fábricas de charutos e cigarrilhas implantadas no Recôncavo a partir do século XX com a Suerdieck, principalmente. Nas fábricas de charutos vamos ter uma divisão sexual do trabalho, na qual o ofício de fazer charutos será predominantemente feminino, tornando o trabalho um pouco mais especializado.

6 O TRABALHO NO RECÔNCAVO: NATUREZA E DINÂMICA RECENTE

Discutiram-se nas seções anteriores as questões relativas ao trabalho na formação social e econômica do Recôncavo. Na seção atual, analisar-se-á como comporta-se o trabalho atualmente nesse território. As análises sobre a estrutura do emprego fomal no Recôncavo, de acordo com a tabela 01, revelaram que houve um aumento significativo do numero de celetistas que eram 50.602 em 2000 e passaram para 75.133 em 2010. Essa variação é de quase 50% (48,14%) em 10 anos. Nesse

mesmo período os estatutários aumentaram quase 30%, passando de 7.419 em 2000 para 9.631 em 2010. Porém, contrastando com os números positivos acima, o número de pessoas ocupadas no setor informal aumentou significativamente passando de 39.542 pessoas em 2000 para 126.807 pessoas em 2010. Em números relativos, o setor informal é maior que o número de pessoas ocupadas com carteira assinada somadas ao número de pessoas estatutárias.

Nunca é demais lembrar que uma grande parte do setor informal é composta por ocupações precarizadas sem cobertura do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), sem acesso a plano de saúde, salário mínimo de outras garantias sociais advindas da formalização do emprego. Assim, o aumento de ocupações nesse setor revelam que o mercado de trabalho formal é pouco dinâmico e incapaz de gerar empregos que possam retirar pessoas da informalidade.

Nas análises intraterritório, no que se refere às pessoas ocupadas no regime estatutário, quatro municípios merecem destaque. O primeiro desses municípios é Muniz Ferreira que teve um aumento de 19% entre 2000 e 2010, seguido de Varzedo com 16,7%, São Sebastião do Passé com 14,7% e Maragogipe com 11,5%. Quanto aos celetistas, a maior geração de emprego do território ficou por conta de Governador Mangabeira com ampliação de 11% para o período 2000 a 2010, seguido por Varzedo com 10,3% e Cabaceiras do Paraguaçu com 9,5%. Praticamente todos os municípios do território tiveram aumento do emprego com carteira assinada com exceção de Muniz Ferreira que teve uma leve queda de 0,1%.

Tabela 1 - Pessoas ocupadas, segundo a posição na ocupação — Brasil, Nordeste, Bahia e municípios do Território de Identidade Recôncavo — 2000/2010

Item Geográfico	Estatutário			Celetista			Informal		
	2000	2010	Var. % Média	2000	2010	Var. % Média	2000	2010	Var. % Média
Brasil	3.693.162	4.651.128	2,6	25.827.292	40.810.451	5,8	12.261.534	37.432.622	20,5
Nordeste	885.340	1.080.008	2,2	4.159.340	6.822.835	6,4	3.607.794	10.991.720	20,5
Bahia	200.974	244.834	2,2	1.264.423	1.987.262	5,7	1.122.014	3.064.958	17,3
Recôncavo	7.419	9.631	3,0	50.602	75.133	4,8	39.542	126.807	22,1
Cabaceiras do Paraguaçu	190	164	-1,4	462	902	9,5	909	3.442	27,9
Cachoeira	294	311	0,6	2.920	4.112	4,1	1.536	6.966	35,4
Castro Alves	215	420	9,5	1.433	2.584	8,0	2.036	5.330	16,2
Conceição do Almeida	237	126	-4,7	1.193	1.580	3,2	2.011	2.542	2,6
Cruz das Almas	543	876	6,1	7.834	10.442	3,3	3.588	10.138	18,3
Dom Macedo Costa	81	22	-7,3	153	239	5,6	522	919	7,6
Governador Mangabeira	244	248	0,2	1.212	2.543	11,0	1.283	3.757	19,3
Maragogipe	327	702	11,5	1.604	2.668	6,6	1.426	11.435	70,2
Muniz Ferreira	31	90	19,0	417	412	-0,1	785	2.044	16,0
Muritiba	215	267	2,4	3.435	3.986	1,6	1.608	4.955	20,8
Nazaré	315	263	-1,7	2.493	3.445	3,8	2.121	6.480	20,6
Salinas da Margarida	143	96	-3,3	661	938	4,2	547	4.663	75,2
Santo Amaro	947	541	-4,3	5.761	7.590	3,2	3.640	12.290	23,8
Santo Antônio de Jesus	843	1.571	8,6	10.331	17.519	7,0	6.909	22.019	21,9
São Félix	101	134	3,3	1.402	1.776	2,7	606	3.014	39,7
São Felipe	244	308	2,6	637	1.159	8,2	2.031	6.031	19,7
São Francisco do Conde	1.361	2.284	6,8	2.369	3.822	6,1	1.655	4.739	18,6
São Sebastião do Passé	329	812	14,7	4.474	6.978	5,6	3.236	6.610	10,4
Sapeaçu	403	162	-6,0	1.047	1.355	2,9	942	3.852	30,9
Saubara	317	130	-5,9	521	589	1,3	978	2.993	20,6
Varzedo	39	104	16,7	243	494	10,3	1.173	2.588	12,1

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — Censo Demográfico, Dados da Amostra

Quando o quesito é pessoas ocupadas no setor informal, três municípios tiveram destaque negativo. Com 75% de ampliação do das pessoas ocupadas no setor informal, Salinas das Margaridas ficou em primeiro lugar seguida por Maragogipe com 70,2% e São Felix com 39,7%. O destaque positivo nesse quesito ficou por conta de Conceição do Almeida que teve ampliação de apenas 2,6%. É importante observar mais uma vez que a ocupação no setor informal em geral é uma ocupação muito precarizada e não é desejada em nenhum modelo de política econômica ou social.

Outra informação importante se refere ao estoque de emprego formal. Com essa informação podemos inferir se as ocupações são mais qualificadas ou menos qualificadas. A partir dessas informações podemos analisar como essas ocupações se comportam ao longo do tempo como é sua estrutura e dinâmica. Através da tabela abaixo, listou-se as 10 maiores ocupações registradas no Recôncavo para o período 2000, 2005, 2010 e 2015.

Em 2000, a ocupação mais importante no Recôncavo foi a de professor de ensino fundamental com 3.482 indivíduos. A partir de 2005 essa classificação teve

uma subdivisão para professor graduado e não graduado de ensino fundamental, mas mesmo assim continuou com números representativos. Em 2005, os professores de ensino fundamental graduados foram 2.552 e os não graduados foram 1.629. Adicionalmente, o professores de ensino médio somavam 2.213. Se somarmos as três categorias teremos um total de 6.394 professores no território. Em 2015, o número de professores do ensino fundamental foi de 4.349 pessoas.

Outra categoria de trabalhador presente na ocupação no Recôncavo é o de escriturários. Essa ocupação aparece em primeiro lugar em 2005, 2010 e 2015. Sendo que em 2015 são 9.076 pessoas. Outra ocupação que teve um crescimento importante foi a de vendedores. Em 2000 essa ocupação estava em terceiro lugar com 2.728 indivíduos e em 2015 já eram 7.662 ocupando o segundo lugar e o seu aumento percentual foi de quase 200%.

Tabela 2 — Estoque de emprego formal, segundo as dez maiores ocupações — Território de Identidade Recôncavo — 2000, 2005, 2010, 2015

Ocupações	2000	Ocupações	2005
Professor - Ens. Fundamental	3.482	Escriturários	4.395
Trab. Manutenção de Edifícios	3.318	Vendedores	4.305
Vendedores	2.728	Trab. Manutenção de Logradouros	3.136
Trab. Serviços Administrativos	1.859	Trab. Manutenção de Edifícios	3.113
Trab. Não Classificados	1.668	Professor Graduado - Ens. Fundamental	2.552
Condutores de Veículos	1.183	Professor - Ens. Médio	2.213
Agentes Administrativos	1.110	Dirigentes do Serviço Público	1.765
Trab. Proteção e Segurança	1.034	Professor N. Graduado - Ens. Fundamental	1.629
Técnicos e Auxiliares de Enfermagem	981	Técnicos e Auxiliares de Enfermagem	1.130
Trab. da Construção Civil	897	Agricultores	1.117
Ocupações	2010	Ocupações	2015
Escriturários	9.091	Escriturários	9.076
Vendedores	6.544	Vendedores	7.662
Dirigentes do Serviço Público	3.917	Dirigentes do Serviço Público	4.804
Professores do Ens. Fundamental	3.338	Professor Graduado - Ens. Fundamental	4.349
Ajudantes de Obras Cíveis	3.158	Trab. Carga e Descarga	1.999
Trab. Manutenção de Logradouros	2.088	Trab. Manutenção de Logradouros	1.958
Motoristas de Veículos de Carga	1.564	Trab. Manutenção de Edifícios	1.913
Trab. Carga e Descarga	1.529	Motoristas de Veículos de Carga	1.783

Técnicos e Auxiliares de Enfermagem	1.383	Caixas e Bilheteiros (exceto de banco)	1.683
Professor N. Graduação - Ens. Fundamental	1.301	Técnicos e Auxiliares de Enfermagem	1.659

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) — Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Nota(1): Inclui pessoas sem instrução.

Na tabela 03, abaixo, encontram-se o número de pessoas ocupadas de acordo com o setor de atividade para o ano de 2010. Diferentemente da tabela 02, na qual havia as 10 maiores ocupações do Recôncavo agrupadas no território com um todo, esta tabela traz as informações de cada município e de cada ocupação encontrada, detalhadamente.

Tabela 3 - Estoque de emprego formal, segundo o grau de instrução do trabalhador - Brasil, Nordeste, Bahia e municípios do Território de Identidade Recôncavo - 2000, 2005, 2010, 2015

Item Geográfico	Fundamental Incompleto ¹				Fundamental Completo				Ensino Médio Completo				Superior Completo			
	2000	2005	2010	2015	2000	2005	2010	2015	2000	2005	2010	2015	2000	2005	2010	2015
Brasil	8.776.931	7.659.453	7.237.508	5.591.350	6.831.318	8.083.846	9.296.453	8.296.985	7.466.576	12.466.989	20.262.449	24.440.413	3.153.804	5.028.329	7.271.945	9.732
Nordeste	1.531.574	1.444.651	1.424.921	1.065.776	921.486	1.147.999	1.463.627	1.267.519	1.418.868	2.394.505	3.898.802	4.846.990	502.922	821.435	1.223.489	1.718
Bahia	376.346	364.411	349.099	249.611	235.519	293.577	332.473	280.523	447.234	728.273	1.180.285	1.394.907	118.244	210.729	277.375	387
Recôncavo	12.329	15.180	11.534	7.768	7.015	11.213	13.687	9.561	13.104	28.079	46.441	50.507	1.165	4.009	6.712	14
Cabaceiras do Paraguaçu	197	242	158	132	53	84	77	92	173	344	526	599	6	22	85	
Cachoeira	625	596	522	442	229	498	550	370	800	1.582	1.854	1.919	106	242	338	
Castro Alves	336	479	588	575	183	291	426	650	335	1.076	1.761	2.126	4	116	119	
Conceição do Almeida	297	405	207	274	195	421	164	254	233	628	857	1.200	8	28	31	
Cruz das Almas	2.396	3.048	1.482	1.181	1.125	1.543	1.239	903	1.814	3.860	6.450	7.248	182	316	1.405	2
Dom Macedo Costa	67	116	110	52	13	42	53	34	36	96	124	168	0	15	25	
Governador Mangabeira	270	553	331	287	71	168	586	840	248	962	1.053	1.151	14	102	117	
Maragogipe	380	744	573	177	136	706	769	186	359	1.752	2.543	1.611	9	160	362	
Muniz Ferreira	167	87	26	25	61	77	21	36	127	167	273	263	2	17	29	
Muritiba	324	335	347	269	154	220	286	285	412	510	1.029	1.345	16	47	194	
Nazaré	532	500	417	209	315	328	561	265	798	1.077	1.631	1.560	51	92	227	
Salinas da Margarida	51	90	45	31	98	131	167	84	161	389	326	360	11	39	121	
Santo Amaro	996	932	563	257	525	787	478	408	1.409	2.391	3.816	4.970	91	226	243	
Santo Antônio de Jesus	2.876	3.029	2.576	1.611	2.228	3.265	4.466	3.462	2.819	4.832	8.989	15.866	230	490	1.134	1
São Félix	333	324	366	940	122	164	251	202	284	377	652	731	4	25	121	
São Felipe	205	314	213	171	129	226	156	206	216	387	802	990	1	23	66	
São Francisco do Conde	1.418	2.393	2.074	513	747	1.252	1.971	482	1.746	5.219	9.679	3.382	345	1.792	1.223	5
São Sebastião do Passé	432	651	661	332	420	689	919	474	830	1.897	3.075	3.489	75	229	377	
Sapeacu	310	139	91	140	156	151	108	213	233	131	311	723	3	8	455	
Saubara	28	21	46	62	23	124	306	84	8	235	464	498	0	2	10	
Varzedo	89	182	138	88	32	46	133	31	63	167	226	308	7	18	30	

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) - Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)

Nota (1): Inclui pessoas sem instrução.

Como são muitas as informações, serão destacadas apenas algumas delas. O total geral de todas as pessoas ocupadas é de 241.002 tendo como referência o ano de 2010. Desse total, cerca de 32% do pessoal ocupado está na agropecuária o

que corresponde a 76.542 pessoas. Este setor foi o que mais ocupou pessoas em 2010 seguido pelo comércio com 39.783 e pelo setor da construção com 19.224 pessoas ocupadas. Assim, nota-se que o Recôncavo como tomado como um todo ainda mostra resquícios do seu passado agrícola no qual a agropecuária ainda tem um peso significativo em sua economia. Por outro lado, percebe-se o aumento do setor de serviços e do comércio.

Dentro desse contexto, por setor de atividade o município de Cabaceiras do Paraguaçu possui quase 76% da sua população ocupada na agropecuária. São 6.466 pessoas ocupadas com essa atividade. Em números absolutos, Maragogipe possui quase 10.000 pessoas ocupadas neste setor com 9.829 indivíduos. O setor primário representa, ainda, um importante setor no interior do Recôncavo, pois são 76.542 pessoas ocupadas; é quase quatro vezes o somatório de pessoas ocupadas em indústrias extrativas (1.052) e indústria de transformação (17.142 pessoas).

Apesar de não possuir grande representatividade no território, o setor secundário é importante para alguns municípios. A indústria de transformação ocupa 4.952 pessoas em Santo Antonio de Jesus e é o maior contingente desse subsetor no território. Em segundo lugar está Cruz das Almas com 2.574 pessoas e em terceiro lugar está o município de Santo Amaro com 2.017 pessoas. São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé, que possuem unidades de exploração da Petrobrás, não figuram entre os maiores números de pessoas ocupadas nesse subsetor.

Em relação a comércio e serviços, a pesquisa confirmou aquilo que se observava empiricamente. A liderança nesse quesito é de Santo Antonio de Jesus com 11.487 pessoas ocupadas de um total de 39.783 de todo o Recôncavo. Assim, quase 1/3 de todas as pessoas ocupadas no comércio no Recôncavo está em Santo Antonio de Jesus. Outro município que possui o subsetor de comércio forte é Cruz das Almas com 5.048 pessoas ocupadas e em terceiro lugar destaca-se o município de Santo Amaro com 3.576.

Dentro do setor de serviços, chamou dois subsetores chamaram atenção. O primeiro foi educação; em todo o Recôncavo são 14.100 pessoas ocupadas neste subsetor e os destaques são novamente os três municípios descritos anteriormente. Santo Antonio de Jesus possuía 2.238 pessoas ocupadas, enquanto Cruz das Almas tinha 1.729 e Santo Amaro estava com 1.674. esses números refletem a

importância de um setor estratégico para alavancar o processo de crescimento/desenvolvimento econômico de um território.

Outro número que chamou a atenção, só que negativamente, é o pequeno número de pessoas ocupadas em atividades científicas no Recôncavo. Desde o século XIX há um grande entrelaçamento entre ciência, tecnologia e inovação. As nações mais desenvolvidas do mundo são aquelas que conseguiram interiorizar seus processos científicos e aplicaram esse conhecimento em produtos e serviços agregando valor. Nas nações desenvolvidas, os investimentos em ciência básica são cada vez mais altos e esses investimentos se transformam em tecnologia e inovação. No século XXI, estas questões se tornaram mais primordiais. O papel da universidade e dos centros de pesquisa e desenvolvimento são fundamentais no processo de desenvolvimento econômico e social. Nesse contexto, são apenas 2.412 pessoas ocupadas em atividades científicas em toda a extensão do território e estão concentradas no eixo Cruz das Almas/Santo Antonio de Jesus com 60% do pessoal ocupado. Santo Antonio de Jesus possuía 752 indivíduos e Cruz das Almas tinha 709 em 2010.

No que se refere ao rendimento do trabalho, analisou-se a distribuição do rendimento para População em Idade para Trabalhar (PIT) por sexo e classe de renda. Na faixa de sem rendimentos, das 180.050 pessoas, 87.483 são do sexo masculino e 96.567 são do sexo feminino. Há, portanto, uma taxa maior entre as mulheres sem rendimento em relação aos homens. Na faixa seguinte que envolve pessoas com rendimento de até um salário mínimo, as mulheres também são maioria com 120.522 enquanto que os homens perfazem 94.734 indivíduos. Na outra faixa entre 1 e 2 salários mínimos, os homens são maioria com 29.780 pessoas enquanto que as mulheres são 25.478

Esta análise feita sobre a População em Idade para Trabalhar revela o grande problema estrutural acerca da renda no Recôncavo que remonta o tempo do açúcar. Quando se somam as três primeiras faixas (sem rendimento, até 1 SM e entre 1 e 2 SM) tem-se um total de 450.564 pessoas que ganham até 2 salários mínimos. São valores muito baixos e incapazes de gerar efeitos positivos sobre o mercado local. Por outro lado, as faixas com melhores rendimentos entre 5-10 SM são apenas 2.563 pessoas em todo o território dos quais 1.971 são homens e 592 mulheres. O

drama é ainda maior quando avalia-se a última faixa entre 10-20 SM em que apenas 71 homens tem esse rendimento.

Ainda em relação aos rendimentos do trabalho, a tabela 04 traz o rendimento médio das pessoas ocupadas segundo o grau de instrução para os anos de 2000 e 2010. Em todas as faixas do estudo seja no ensino fundamental incompleto, fundamental completo, médio completo e no superior completo os rendimentos das pessoas ocupadas no Recôncavo são menores do que a Bahia, o Nordeste e o Brasil.

No Brasil, o rendimento médio das pessoas ocupadas com ensino fundamental incompleto foi de r\$845,00 em 2000 e de r\$768,00 em 2010. Na Bahia esses números foram de r\$498,00 e r\$487,00 respectivamente. Todavia, no Recôncavo o rendimento foi de apenas r\$178,00 para o ano 2000, o que representou um pouco mais de 20% da média do Brasil e para o ano de 2010 foi r\$455,00.

Na faixa de rendimento médio das pessoas com ensino fundamental completo em 2010 enquanto a média nacional foi r\$972,00 a média do Recôncavo foi de apenas r\$594,00. Na faixa de ensino médio completo e superior completo as diferenças são ainda maiores. Enquanto que a média no Brasil foi de r\$1.369,00 para o ano 2010, no Recôncavo esse rendimento foi de apenas r\$904,00, o que representa mais de 30% menor que a média nacional. No ensino superior completo, a desvantagem do Recôncavo é maior em relação ao Brasil e à Bahia. Para o ano de 2010, o rendimento médio das pessoas ocupadas no Brasil foi r\$4.251,00 contra r\$3.965,00 da Bahia e r\$2.749,00 no Recôncavo. Quem trabalha no Recôncavo com ensino superior completo recebe cerca de 35% a menos de remuneração em relação à média do Brasil. Esses números refletem negativamente a capacidade de demanda e de retenção de trabalhadores qualificados dentro do território já que para o trabalhador que tem ensino superior completo é melhor que ele saia do Recôncavo para perceber salários melhores.

Ao se fazerem análises dentro do território, os municípios que pagam melhor às pessoas ocupadas com nível fundamental incompleto para o ano de 2010 foram São Francisco do Conde com r\$784,00 seguido por Santo Antonio de Jesus (r\$652,00) e São Sebastião do Passé (r\$631,00). Esses três municípios ainda continuam em destaque quando se avalia o rendimento médio das pessoas

ocupadas com fundamental completo. São Francisco do Conde continua em primeiro lugar com r\$930,00 seguido por Santo Antonio de Jesus (r\$787,00) e São Sebastião do Passé (r\$752,00).

Quando o recorte é ensino médio completo, a composição dos três municípios líderes se altera. A liderança agora é de São Sebastião do Passé que tem um rendimento médio de r\$1.185,00. Os municípios de Muritiba e Nazaré são boas surpresas nesse quesito. Muritiba tem rendimento médio de r\$1.155,00 e Nazaré tem r\$1.142,00. Os três municípios citados possuem rendimento superior à média estadual (r\$1.090,00) e também maior que a média do Nordeste (r\$1.060,00).

Tabela 4 – Rendimento¹ médio das pessoas ocupadas, segundo o grau de instrução do trabalhador - Brasil, Nordeste, Bahia e municípios do Território de Identidade Recôncavo - 2000/2010

Item Geográfico	Fundamental Incompleto ²			Fundamental Completo			Ensino Médio Completo			Superior Completo		
	2000	2010	Var. % Média	2000	2010	Var. % Média	2000	2010	Var. % Média	2000	2010	Var. % Média
Brasil	R\$ 845	R\$ 768	-0,9	R\$ 715	R\$ 972	3,6	R\$ 1.314	R\$ 1.369	0,4	R\$ 3.987	R\$ 4.251	
Nordeste	R\$ 455	R\$ 478	0,5	R\$ 393	R\$ 661	6,8	R\$ 985	R\$ 1.060	0,8	R\$ 3.287	R\$ 3.671	
Bahia	R\$ 498	R\$ 487	-0,2	R\$ 412	R\$ 679	6,5	R\$ 1.049	R\$ 1.090	0,4	R\$ 3.665	R\$ 3.965	
Recôncavo	R\$ 178	R\$ 455	15,6	R\$ 199	R\$ 594	19,9	R\$ 433	R\$ 904	10,9	R\$ 1.550	R\$ 2.749	
Cabaceiras do Paraguaçu	R\$ 74	R\$ 248	23,6	R\$ 89	R\$ 233	16,2	R\$ 510	R\$ 525	0,3	-	R\$ 1.125	
Cachoeira	R\$ 220	R\$ 361	6,4	R\$ 178	R\$ 477	16,8	R\$ 412	R\$ 932	12,6	R\$ 1.335	R\$ 1.812	
Castro Alves	R\$ 179	R\$ 370	10,7	R\$ 168	R\$ 548	22,7	R\$ 360	R\$ 756	11,0	-	R\$ 1.793	
Conceição do Almeida	R\$ 187	R\$ 409	11,9	R\$ 163	R\$ 562	24,4	R\$ 324	R\$ 867	16,8	R\$ 1.569	R\$ 3.242	
Cruz das Almas	R\$ 217	R\$ 507	13,4	R\$ 199	R\$ 598	20,0	R\$ 435	R\$ 892	10,5	R\$ 1.881	R\$ 3.263	
Dom Macedo Costa	R\$ 197	R\$ 579	19,4	R\$ 184	R\$ 471	15,5	R\$ 234	R\$ 536	13,0	-	R\$ 1.691	
Governador Mangabeira	R\$ 90	R\$ 337	27,4	R\$ 132	R\$ 334	15,3	R\$ 343	R\$ 600	7,5	R\$ 1.097	R\$ 3.418	
Maragogipe	R\$ 124	R\$ 295	13,8	R\$ 130	R\$ 584	35,0	R\$ 332	R\$ 811	14,4	-	R\$ 1.395	
Muniz Ferreira	R\$ 157	R\$ 440	18,0	R\$ 181	R\$ 365	10,2	R\$ 504	R\$ 714	4,2	-	R\$ 1.768	
Muritiba	R\$ 204	R\$ 472	13,1	R\$ 217	R\$ 570	16,3	R\$ 348	R\$ 1.155	23,2	R\$ 1.250	R\$ 2.444	
Nazaré	R\$ 133	R\$ 476	25,8	R\$ 209	R\$ 486	13,3	R\$ 392	R\$ 1.142	19,1	R\$ 1.503	R\$ 3.191	
Salinas da Margarida	R\$ 132	R\$ 297	12,5	R\$ 111	R\$ 297	16,7	R\$ 240	R\$ 643	16,8	R\$ 870	R\$ 1.042	
Santo Amaro	R\$ 228	R\$ 432	9,0	R\$ 208	R\$ 622	19,9	R\$ 375	R\$ 739	9,7	R\$ 1.201	R\$ 4.369	
Santo Antônio de Jesus	R\$ 218	R\$ 652	19,9	R\$ 247	R\$ 787	21,9	R\$ 531	R\$ 1.034	9,5	R\$ 1.537	R\$ 2.830	
São Félix	R\$ 203	R\$ 376	8,5	R\$ 173	R\$ 443	15,6	R\$ 460	R\$ 613	3,3	R\$ 1.066	R\$ 2.156	
São Felipe	R\$ 157	R\$ 331	11,1	R\$ 176	R\$ 331	8,8	R\$ 321	R\$ 564	7,6	-	R\$ 3.316	
São Francisco do Conde	R\$ 235	R\$ 784	23,4	R\$ 266	R\$ 930	25,0	R\$ 639	R\$ 1.112	7,4	R\$ 1.992	R\$ 1.599	
São Sebastião do Passé	R\$ 247	R\$ 631	15,6	R\$ 271	R\$ 752	17,8	R\$ 620	R\$ 1.185	9,1	R\$ 866	R\$ 2.280	
Sapeaçu	R\$ 163	R\$ 412	15,2	R\$ 226	R\$ 552	14,4	R\$ 288	R\$ 916	21,8	-	R\$ 2.171	
Saubara	R\$ 150	R\$ 313	10,9	R\$ 162	R\$ 376	13,2	R\$ 288	R\$ 563	9,6	-	R\$ 1.053	
Varzedo	R\$ 138	R\$ 387	18,0	R\$ 131	R\$ 413	21,4	R\$ 231	R\$ 645	17,9	-	R\$ 1.429	

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Censo Demográfico, Dados da Amostra

Nostas: (1) Real, quantias a preços de 07/2010, via IPCA/IBGE. (2) Inclui sem instrução.

Por fim, as análises concernentes aos rendimentos médios das pessoas ocupadas com nível superior completo também revelaram gratas surpresas. Era de se esperar que, com esse nível de qualificação, os municípios de São Francisco do

Conde e São Sebastião do Passé em função das atividades da Petrobrás e os municípios de Cruz das Almas e Santo Antonio de Jesus por causa do crescimento vigoroso do comércio pudessem impactar positivamente. Contudo, os municípios que melhor remuneraram em 2010 as pessoas ocupadas com ensino superior completo foram Santo Amaro, Governador Mangabeira e São Felipe, respectivamente. Santo Amaro se destacou com rendimento médio de r\$4.369,00. Em Governador Mangabeira foi de r\$3.418,00 e em São Felipe o rendimento médio das pessoas ocupadas foi de r\$3.316,00.

Através da tabela 05 abaixo, o rendimento médio das pessoas ocupadas segundo a ocupação dentre os estatutários, celetistas e informais aumentou no período 2000 a 2010. A categoria estatutário teve uma variação positiva de quase 10% passando de um rendimento médio de r\$807,00 para r\$1.583,00 no Recôncavo. Os celetistas passaram de r\$842,00 para r\$1.065,00 e o rendimento médio na categoria informais aumentou de r\$371,00 para r\$573,00 em 2010. Nas três categorias (estatutário, celetista e informal) o rendimento médio do território é mais baixo do que a média nacional, da região Nordeste e, também, do Estado da Bahia.

Dos municípios que compõem o Recôncavo, o maior rendimento médio na categoria estatutário foi observado em Sapeaçu com r\$3.095,00 para 2010. Em segundo lugar tem-se Cruz das Almas com r\$2.978,00 e Conceição do Almeida com r\$2.301,00. Dentre os celetistas, observa-se que São Francisco do Conde tem o maior rendimento médio com r\$1.405,00. Logo em seguida está Nazaré (r\$1.326,00) e Maragogipe (r\$1.202,00).

Já em relação ao setor informal, o Recôncavo tomado como um todo teve um crescimento médio de 5,4% nos rendimentos para o período 2000-2010. Em termos de crescimento relativo, os destaques foram observados em Dom Macedo Costa com 13,8% de crescimento seguido por Conceição do Almeida (12,1%) e Muritiba (8,7%). Em termos absolutos, o maior rendimento médio das pessoas ocupadas no setor informal em 2010 foi em Santo Antonio de Jesus com r\$796,00. Em segundo lugar foi Muritiba (r\$756,00) e, em terceiro, Cruz das Almas (r\$739,00).

Tabela 05 — Rendimento¹ médio das pessoas ocupadas, segundo a posição na ocupação — Brasil, Nordeste, Bahia e municípios do Território de Identidade Recôncavo — 2000/2010

Item Geográfico	Estatutário			Celetista			Informal		
	2000	2010	Var. % Média	2000	2010	Var. % Média	2000	2010	Var. % Média
	R\$						R\$		
Brasil	1.920	2.933	5,3	1.695	1.631	-0,4	711	1.139	6,0
	R\$						R\$		
Nordeste	1.351	2.458	8,2	1.278	1.328	0,4	442	689	5,6
	R\$						R\$		
Bahia	1.230	2.316	8,8	1.309	1.384	0,6	424	700	6,5
	R\$						R\$		
Recôncavo	807	1.583	9,6	842	1.065	2,7	371	573	5,4
	R\$						R\$		
Cabaceiras do Paraguaçu	364	1.092	20,0	788	795	0,1	217	374	7,2
	R\$						R\$		
Cachoeira Castro	1.089	1.395	2,8	895	909	0,2	356	570	6,0
	R\$						R\$		
Alves Conceição do Almeida	897	1.020	1,4	627	871	3,9	300	441	4,7
	R\$						R\$		
Cruz das Almas	903	2.301	15,5	734	846	1,5	288	635	12,1
	R\$						R\$		
Dom Macedo Costa	929	2.978	22,1	903	1.059	1,7	413	739	7,9
	R\$						R\$		
Governador Mangabeira	581	1.727	19,7	449	734	6,3	277	659	13,8
	R\$						R\$		
Maragogipê	820	1.654	10,2	620	949	5,3	301	425	4,1
	R\$						R\$		
Muniz Ferreira	703	936	3,3	720	1.202	6,7	401	338	-1,6
	R\$						R\$		
Muritiba	603	1.173	9,5	530	964	8,2	250	456	8,2
	R\$						R\$		
Nazaré Salinas da Margarida	954	1.799	8,9	640	936	4,6	403	756	8,7
	R\$						R\$		
Santo Amaro	778	1.717	12,1	744	1.326	7,8	353	527	4,9
	R\$						R\$		
Santo Antônio de	678	1.363	10,1	464	870	8,8	330	347	0,5
	R\$						R\$		
	786	1.672	11,3	800	1.067	3,3	394	614	5,6
	R\$						R\$		
	888	1.948	11,9	965	1.101	1,4	434	796	8,3

Jesus										
	R\$	R\$		R\$	R\$		R\$	R\$		
São Félix	699	1.532	11,9	883	801	-0,9	331	427	2,9	
	R\$	R\$		R\$	R\$		R\$	R\$		
São Felipe	561	1.978	25,3	1.106	810	-2,7	235	330	4,0	
São										
Francisco do	R\$	R\$		R\$	R\$		R\$	R\$		
Conde	980	1.027	0,5	973	1.405	4,4	552	732	3,3	
São										
Sebastião do	R\$	R\$		R\$	R\$		R\$	R\$		
Passé	828	1.475	7,8	928	1.191	2,8	462	601	3,0	
	R\$	R\$		R\$	R\$		R\$	R\$		
Sapeaçu	414	3.095	64,8	732	1.007	3,8	312	497	5,9	
	R\$	R\$		R\$	R\$		R\$	R\$		
Saubara	491	607	2,4	704	757	0,8	254	396	5,6	
	R\$	R\$		R\$	R\$		R\$	R\$		
Varzedo	349	1.194	24,2	445	821	8,5	265	468	7,7	

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — Censo Demográfico, Dados da Amostra.

7 CONCLUSÕES

O problema de pesquisa levantado buscou analisar as características do trabalho no Recôncavo no século XXI. As hipóteses que a pesquisa buscou comprovar foram três. A primeira hipótese afirmara que o trabalho que se desenvolveu no Recôncavo ao longo de sua história foi sempre de baixa qualificação técnica. Essa característica permanece até os dias atuais. Essa hipótese foi comprovada parcialmente. Um dos indicadores utilizados para analisar a hipótese acima foi a taxa de analfabetismo. A pesquisa mostrou que a taxa de analfabetismo vem declinando em todos os municípios do Recôncavo, mas ainda é mais alta que a média nacional (8,3%) e mais alta que a média da região Nordeste (16,9%).

Além do analfabetismo, as ocupações de emprego formal mais frequentes no Recôncavo não são de funções de alta qualificação. Ocupações como escriturários e vendedores não possuem alta qualificação e nas análises sobre as 10 maiores ocupações em diferentes momentos ao longo do tempo essas ocupações sempre apareceram nas primeiras colocações.

Por outro lado, as análises sobre as ocupações no Recôncavo mostraram números positivos quanto às questões relacionadas à qualificação, principalmente acerca do setor educacional. Esse subsetor mostrou-se vigoroso. São 14.100 pessoas ocupadas no setor educacional em todo o território do Recôncavo, o que demonstra que este território tem potencial para modificar a estrutura da região já

que os investimentos públicos e privados na região tendem a aumentar. Apesar de estarem concentrados em 4 municípios, o setor educacional pode promover um efeito transbordamento para todos os outros municípios que compõem o Recôncavo, alterando as taxas de analfabetismo e atraindo empreendimentos que demandem ocupações mais qualificadas.

A segunda hipótese da pesquisa foi em relação aos baixos salários pagos no território. A pesquisa demonstrou que a remuneração média dos trabalhadores no Recôncavo é muito abaixo da média do Estado da Bahia, da região Nordeste e da média Nacional em todas as faixas pesquisadas que foram ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio completo e superior completo.

A pesquisa além de identificar que os salários pagos em todas as faixas de escolaridade e, também, identificou um drama ainda maior; os baixos salários na parte mais qualificada da estrutura das ocupações que é a faixa de ensino superior completo. Os baixos salários nessa categoria de trabalhadores fazem com que o território acabe por expulsar as pessoas melhores qualificadas. Devido à maior possibilidade de mobilidade, as pessoas melhores qualificadas são atraídas para regiões que pagam melhores salários. Assim, para o território há uma dupla perda já que não amplia sua base de trabalhadores qualificados e não consegue prover uma massa crítica capaz de liderar o processo de crescimento econômico devido ao problema de retenção desses trabalhadores.

A pesquisa demonstrou, também, que uma parte considerável da população em idade para trabalhar do Recôncavo tem rendimentos muito baixos. Quando são somadas as pessoas sem rendimento mais as pessoas que recebem até dois salários mínimos tem-se um total de 450.564 pessoas que ganham até 2 salários mínimos. A literatura nacional, a exemplo de Spinola (2003) discute que, com valores de salários tão baixos, a região não consegue desenvolver um mercado local forte que traga efeitos a montante e a jusante sobre as empresas locais. Assim, não há efeito multiplicador da renda como demonstrado pela teoria keynesiana. Tendo como parâmetro o que ocorreu com o café em São Paulo, a massa salarial paga nos cafezais foi de suma importância para o desenvolvimento das outras indústrias no município paulista espraiando os efeitos positivos.

Aliado aos baixos salários, a pesquisa revelou que no período 2000-2010 houve um crescimento muito grande do setor informal no Recôncavo; são mais de 120.000 pessoas nessa situação. Como um dos aspectos da pesquisa foi analisar a dinâmica recente do trabalho no Recôncavo, a principal conclusão nesse aspecto é que o território ainda é de baixo dinamismo. A parcela de trabalho informal ainda é um problema sério no território, apesar do avanço do emprego estatutário.

Por fim, a divisão social do trabalho é a base histórica da diferenciação dos espaços e dos níveis de desenvolvimento de uma sociedade e aponta como estão conformados os estágios de desenvolvimento das forças produtivas. Nesse aspecto, o desenvolvimento do capitalismo sobre os espaços produz diferenciação entre esses espaços naquilo que a literatura chama de desenvolvimento desigual e combinado. Com o Recôncavo não foi diferente. No desenvolvimento deste território, alguns municípios se sobressaíram enquanto outros não. As pesquisas mostraram que há na verdade três “recôncavos”; três espaços diferenciados. O primeiro é o Recôncavo tradicional e histórico no qual as atividades agropecuárias ainda tem um peso grande em suas economias. Os municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Maragogipe, Governador Mangabeira, Castro Alves e Cachoeira são exemplos desse Recôncavo.

O segundo Recôncavo é aquele em que as atividades relativas à indústria de petróleo tem maior peso. São os exemplos de São Francisco do Conde e São Sebastião do Passé. Nesses municípios as rendas auferidas pelo petróleo permitem uma elevação dos seus respectivos PIB's que destoam do restante do território o que os fazem liderar alguns quesitos de crescimento econômico. O terceiro Recôncavo é o que podemos chamar de Recôncavo moderno. São municípios que o setor de serviços e comércio são os principais vetores de crescimento. Dentro do setor de serviços, saúde e educação são destaques nesse Recôncavo. Fazem parte deste território os municípios de Santo Antonio de Jesus, Cruz das Almas, Santo Amaro e Cachoeira que, apesar de também pertencer ao Recôncavo tradicional, vem aos modificando a base de sua economia com a chegada dos investimentos educacionais com a UFRB.

À guisa de conclusão, esta investigação mostrou que o trabalho no Recôncavo modificou bastante a sua natureza e assumiu outras características. Existem no território ocupações qualificadas convivendo com ocupações sem

qualificação. As ocupações manuais típicas de um Recôncavo iminentemente agrícola estão sendo modificadas por ocupações mais especializadas notadamente no setor de comércio e serviços. Além disso, as ocupações ligadas ao setor educacional experimentaram crescimento considerável. Todavia, mesmo com o crescimento deste tipo ocupação, com as mudanças em curso da natureza do trabalho, o rendimento do trabalho no Recôncavo ainda continua baixo se comparado a outras regiões tornando-se um sério entrave ao seu processo de crescimento/desenvolvimento econômico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Henrique de. **A Manufatura do fumo na Bahia**. 1983. 192f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Instituto de Economia. UNICAMP, Campinas.
- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Lisboa: Oficcina Real, 1711.
- BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e exportação de fumo na Bahia: 1870-1930**. 1975. 328f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais. UFBA. Salvador.
- BARICKMAN, B.J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo. Cidade e Recôncavo da Bahia. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 27-58
- BRANDÃO, Carlos. **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 27-58.
- BRANDÃO, Carlos Antonio. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: Unicamp, 2004.
- CASTELLS, Manuel . **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHESNAIS, François . **A mundialização do capital**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- COSTA PINTO, L.A. Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição**. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 101-184
- FERLINI, Maria Lúcia. **A civilização do açúcar séculos XVI a XVIII**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FURTADO, Celso. **A formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Nacional, 1986.

GÂNDAVO, Pêro de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2008.

GORENDER, Jacob. **Escravidão colonial**. São Paulo: Perseu Abramo, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LINHARES, Maria Yeda. **História do Brasil** (Org.). São Paulo: Campos, 1990.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Coleção Os Economistas. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, Livro primeiro, Volume I, Tomo 1, 1984.

NARDI, Jean Baptiste. **O Fumo no Brasil-Colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NOVAIS, Fernando. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**. São Paulo: Hucitec, 1980.

PEDRÃO, Fernando Cardoso. Novos rumos, novos personagens. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia**: Sociedade e economia em transição. Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 217-242

PINHO, Wanderlei. **História de um Engenho**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Suerdieck**: Epopéia do gigante. Salvador: Biblioteca Nacional, 2011.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: Engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SORMANI, Horacio A. Formación Social y Formación Espacial: hacia una dialéctica de los asentamientos humanos. **Estudios Sociales Centroamericanos**. Ano VI, n. 17, .147-173, may./ ago. 1977.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1971.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1987.

VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no século XVIII**. Salvador: Itapuã, 1969.